

A RODA DE LEITURA COMO UMA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NO PROJETO DE EXTENSÃO ‘FRAGATA: ITINERÂNCIAS LITERÁRIAS’

Carlos Saul Araujo Trujillo
Letras, UFRJ
carlossaul35@gmail.com

Nathália Soares Pinto
Letras Vernáculas, UFRJ
soaresnathy@live.com

RESUMO

O presente relato tem por objetivo narrar algumas experiências de ações promovidas pelo “Fragata: Itinerâncias Literárias”. Iniciado em 2017, esse projeto interinstitucional de extensão envolve cinco escolas públicas das redes federal e estadual, que promovem rodas de leitura internas e, ao final de cada mês, se reúnem em um encontro único de “itinerância”. A partir da noção de “dodiscência” (FREIRE, 1996) e do “saber de experiência” (LARROSA, 2002) busca-se, por meio dos círculos de leitura, de diferentes mediações de leitura e do afeto, coadunar experiência vivida e lida. Essas práticas incentivam a formação de leitores literários críticos e autônomos (FREIRE, 1996), gerando, também, uma reflexão acerca da prática docente. O tema abordado no primeiro semestre de 2019 foi o da “Memória”, contemplando os seguintes subtemas: “Memórias ancestrais”, “Memória subjetiva”, “Memória como resistência” e “Memória a ser construída”. A partir dessa trajetória, optamos por detalhar nesta comunicação, por meio do relato de experiência dos bolsistas, as atividades e vivências do módulo intitulado “Memória a ser construída”.

Palavras chave: Formação do leitor; Leitura; Roda; Literatura

ABSTRACT

The present report aims to narrate some experiences of actions promoted by the “Fragata: Itinerâncias Literárias”. Started in 2017, this interinstitutional extension project involves five public schools from the federal and state networks, which promote internal reading circles and, at the end of each month, meet in a single meeting, the “itinerância”. Based on the notion of “dodiscência” (FREIRE, 1996) and the “saber de experiência” (LARROSA, 2002), through reading circles, different mediations of reading and affection are sought, to combine life and read experiences. These practices encourage the formation of critical and autonomous literary readers (FREIRE, 1996), also generating a reflection on teaching practice. The theme addressed in the first half of

2019 was “Memory”, covering the following sub-themes: “Ancestral memories”, “Subjective memory”, “Memory as resistance” and “Memory to be built”. From this trajectory, we chose to detail in this communication, through the experience report of the scholarship holders, the activities and experiences of the module entitled “Memory to be built”.

Keywords: Reader formation; Reading; Circle; Literature

OBJETIVO

Este trabalho tem por objetivo relatar algumas experiências pedagógicas decorrentes das ações promovidas pelo “Fragata: Itinerâncias Literárias”. Iniciado em 2017, esse projeto interinstitucional de extensão envolve cinco escolas públicas das redes federal e estadual, que promovem rodas de leitura internas e, ao final de cada mês, se reúnem em um encontro único de itinerância. A partir da noção de “dodiscência” (FREIRE, 1996) e do “saber de experiência” (LARROSA, 2002) busca-se, por meio dos círculos de leitura, de diferentes mediações de leitura e do afeto, conciliar experiência vivida e lida. Essas práticas incentivam a formação de leitores literários críticos e autônomos (FREIRE, 1996), gerando, também, uma reflexão acerca da prática docente. O presente relato privilegia, especificamente, um dos módulos realizados em no primeiro semestre de 2019, cujo tema abordado foi o da “Memória”. A partir deste objeto principal, estabelecemos os seguintes subtemas: “Memórias ancestrais”, “Memória subjetiva”, “Memória como resistência” e “Memória a ser construída”. A partir dessa trajetória, optamos por detalhar por meio deste relato de experiência as atividades e vivências do módulo intitulado “Memória a ser construída”, que incluem atividades de mediação de leitura, enumeração de textos literários lidos e a caracterização da experiência da itinerância.

CONDIÇÕES DE APLICAÇÃO

O “Fragata: Itinerâncias Literárias” é um projeto de pesquisa e extensão que realiza rodas de leitura itinerantes em cinco escolas públicas das redes federal e estadual do Rio de Janeiro, sendo elas o Colégio de Aplicação da UFRJ, o Colégio Estadual

André Maurois, o Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, o Colégio de Aplicação da UERJ e o CIEP Ayrton Senna. Essa atividade é realizada com alunos do 9º ao 3º ano do Ensino Médio, na faixa etária de 14 a 18 anos.

O nome do projeto é inspirado nas fragatas, aves que sobrevoam a costa carioca em bando cujo deslocamento se dá por meio de um constante, belo e itinerante bailado, ultrapassando limites territoriais – assim como os membros do Fraga com suas leituras realizadas em espaços públicos da cidade. A liberdade e o senso de coletividade dessas aves dá o tom às atividades do projeto, norteando as ações do projeto e de seus colaboradores.

Metodologicamente, são realizados encontros mensais de planejamento entre todos os envolvidos no projeto que selecionam coletivamente os temas, leituras, estratégias de mediação e os locais de itinerância. Escolhido o tema do semestre, há uma nova deliberação para que se realize uma subdivisão na qual ficam estabelecidos os títulos dos módulos – realizados mensalmente – e o conteúdo abordado em cada um, leituras possíveis e estratégias de mediação de leitura dentro do eixo temático principal preestabelecido.

1. Reunião de Planejamento



(O autor, 2019)

Vale ressaltar que é nesse encontro de planejamento em que se institui no começo do ano um calendário semestral do projeto que coaduna as necessidades de todas as escolas participantes e que será a diretriz para a atuação dos participantes. É uma árdua tarefa diante das especificidades de cada escola e de seu calendário interno,

questões como períodos de provas, feriados, pontos facultativos e datas festivas próprias de cada escola são trazidos à discussão até que, consensualmente, se organize o cronograma do semestre da melhor forma possível para todos os componentes.

Logo, são realizadas simultaneamente rodas internas nas escolas, pelo menos duas vezes ao mês, que culminam em um encontro único de todas as fragatas na itinerância, realizada em um espaço público da cidade no final do módulo. Mais uma vez nos deparamos com dificuldades ao pensar as itinerâncias e no deslocamento dos alunos para os lugares definidos, na medida em que não há verba nas escolas para isso, na verdade, muitas das vezes, falta investimento público até mesmo para o básico como alimentos e livros. Sendo assim, ao pensarmos as itinerâncias, para além das leituras, do tema, da pertinência dentro do tema, precisamos pensar, prioritariamente, na logística de chegada dos integrantes do projeto e se é realizável dentro das nossas (precárias) condições.

2. Clube Interno CAp UFRJ



(O autor, 2019)

3. Clube Interno CAp UERJ



(O autor, 2019)

Além das reuniões para decisão do rumo das atividades do “Fragata”, acontecem semanalmente reuniões de orientação com os bolsistas do projeto, em que se discutem textos teóricos que norteiam a prática docente em meio às nossas atividades. Um dos pilares da nossa atividade é a pesquisa, discussão e a reflexão acerca da docência e da criação de condições para que o sujeito se emancipe (FREIRE, 2011) por meio da

leitura, uma leitura que relacione e privilegie arte e vida. Ou seja, acreditamos na plena indissociabilidade entre teoria e prática.

Há, ainda, que se ressaltar que em todos os espaços de debate prevalece a horizontalidade na tomada de decisões, um colegiado de membros decide conjuntamente qual será o percurso do voo das fragatas em meio a um infinito céu de possibilidades. É, portanto, o “Fragata: Itinerâncias Literárias” um espaço de reflexão coletiva e debate.

4. Reunião de orientação com bolsistas



(O autor, 2019)

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

O presente relato de experiência trata especificamente de um módulo dentro da temática da *Memória*, abordada no primeiro semestre de 2019, que a partir de uma decisão coletiva foi esmiuçada em quatro subtemas: “Memórias ancestrais”, “Memória subjetiva”, “Memória como resistência” e “Memória a ser construída”. A ideia do quarto módulo, “Memória a ser construída”, nasceu da necessidade de, para além de se debruçar sobre o passado, pensar no que virá e em sua concepção. Nasceu da importância de pensar em quais são as memórias que estamos construindo agora, frente à realidade caótica – muitas vezes distópica – que vivemos.

Nesse sentido os textos escolhidos foram: *O ano do pensamento mágico* (Joan Didion), *O fim do mundo* (Cecília Meireles), *Há mais futuro que passado - um documentário de ficção* (Clarisse Zarvos, Daniele Avila Small e Mariana Barcelos) e *Novas cartas portuguesas* (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa). Antes da leitura do texto realizamos atividades lúdicas que visam realizar uma mediação entre texto e leitor e se relacionam diretamente com o texto lido, por exemplo, na primeira roda interna em que lemos *O fim do mundo*, de Cecília Meireles e *O ano do pensamento mágico*, de Jon Didion, em um cofre guardamos papéis em que os alunos anotaram suas respostas a pergunta “Que memória você salvaria?”, posteriormente os cofres serão quebrados juntos em uma data acordada entre as fragatas e todos poderão reler suas memórias salvas.

Para o segundo círculo de leitura, cuja leitura foi o livro *Há mais futuro que passado - um documentário de ficção*, de Clarisse Zarvos, Daniele Avila Small e Mariana Barcelos, a mediação se tratava da ficcionalização de uma pessoa da escola que, partir do encontro, estaria inserida na memória da escola. Por fim, no encontro de itinerância realizado na Quinta da Boa Vista, em uma visita ao Museu Nacional, foram lidos fragmentos de "Novas Cartas Portuguesas" de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa (as três Marias) e a mediação se tratava da criação de um novo acervo para o museu, com objetos e memórias pessoais dos membros do “Fragata”.

O deslocamento para o Museu Nacional foi um tanto conturbado. O CAP-UFRJ e o C.E. André Maurois foram juntos no mesmo ônibus, apenas uma das escolas conseguiu transporte para os alunos. Em primeiro lugar, houve um pequeno atraso para saída do ônibus devido a uma chuva torrencial que caiu no Rio de Janeiro, principalmente na altura da Lagoa, onde se situa o colégio. Somando a chuva com o já caótico trânsito de sexta-feira da Avenida Borges de Medeiros sentido Rebouças, tivemos, então, um momento crítico. Assim, a ida ao Museu Nacional foi um verdadeiro ato de luta e resistência contra todas as adversidades, climáticas ou não.

Para que não houvesse grande atraso na programação, preparada para às 13h30, o CAP-UERJ, que chegou antes, iniciou a itinerância com os funcionários do Museu. Nosso ônibus chegou em São Cristóvão já perto das 15h. Apesar dos transtornos, não houve desânimo por parte dos estudantes, docentes e bolsistas envolvidos no evento.

Todos sabiam da importância daquela roda para a memória que seria construída, principalmente em relação ao Museu Nacional, destruído parcialmente por um incêndio em 2018 e que está em processo de reconstrução.

Quando chegamos à Quinta da boa vista, fomos ao auditório da biblioteca do horto, onde se encontravam o CAP-UERJ e os funcionários do museu. De cara pudemos perceber o quão vivo estava o Museu, diferente do que se propagava no senso comum. Na entrada do auditório, pudemos ver uma mesa com uma série de espécimes empalhados, como se estivessem ali para dar-nos as boas-vindas e reafirmar a existência do Museu Nacional.

5. Itinerância Museu Nacional



(O autor, 2019)

Como fazemos em todos os encontros, organizamos uma roda de interação. Apesar de estarmos no auditório, seu formato oval contribuiu para nosso ritual de leitura. Assim, passamos a interagir com os funcionários do museu, que expuseram todo seu trabalho de resistência para manter vivos seu acervo e sua memória. Para isso, além da construção de exposições, eles levam parte desse material a escolas, utilizando-se, inclusive, de transporte pessoal. Nesse momento, houve uma identificação entre o Fragata e o Museu Nacional, já que eles também praticam a itinerância pela cidade do Rio de Janeiro e se deparam com as mesmas dificuldades por nós encontradas.

De forma didática, os funcionários explicaram cada item exposto para a gente. Depois disso, pudemos, com todo cuidado e carinho, tocá-los, envolvendo, assim, o corpo no processo de aprendizagem, algo que acreditamos ser fundamental. Além disso, para os alunos a experiência foi emocionante, eles demonstraram isso através do seu entusiasmo e perguntas incessantes. Particularmente, ficamos surpresos ao saber que o acervo do Museu continuava rico e grandioso mesmo após a tragédia.

6. Itinerância Museu Nacional



(O autor, 2019)

7. Itinerância Museu Nacional



(O autor, 2019)

A seguir, demos início aos preparatórios para as leituras dos textos literários escolhidos para o encontro. Desse modo, achamos por bem irmos a outro local. A ideia inicial era fazer a roda no gramado da Quinta, aproveitando o ar livre. Contudo, devido à chuva, o Museu disponibilizou uma de suas salas, onde dispomos as cadeiras em formato circular, formando a roda.

Nesse momento, iniciamos nosso ritual para a leitura dos textos. Como sempre fazemos, seja em encontros internos ou itinerâncias, preparamos nossos corpos para a recepção do texto literário. Fizemos alongamento, exercício de respiração para sentirmos o batimento cardíaco, demos as mãos a fim de sentir o pulso de quem estava ao nosso lado, sentimos os pés no chão. Práticas que nos conectam com o momento, com os outros participantes da roda e que favorecem a disposição para vivenciar o texto literário coletivamente.

8. Itinerância Museu Nacional



(O autor, 2019)

Os funcionários do Museu também participaram do ritual e da leitura. Para esse encontro, escolhemos ler a “Carta I” e “Terceira Carta I” das *Novas cartas portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa. As nossas leituras são horizontais, assim cada pessoa está livre de iniciar ou parar sua leitura em voz alta, mesmo que tenha mais de uma lendo ao mesmo tempo. Nosso momento de leitura é repleto de coros, silêncios e subjetividade, encorajamos que cada participante entre na leitura no momento em que se sentir tocado, que se sentir pronto.

Para a sensibilização, como citado anteriormente, sugerimos que cada contribuísse com um item para a construção da memória do Museu Nacional. A ideia inicial era que fossem levados objetos pessoais para simbolizar esse novo acervo. Porém, achou-se por bem irmos, além disso, e oferecer palavras que significassem uma memória. Assim, palavras como “resistência”, “empatia”, “luta”, “amor” foram ditas. Nesse instante, a sala transbordou sentimentos. Os funcionários do Museu não puderam esconder sua emoção ao fim do encontro, levando todos a nos emocionarmos também. Ali sentimos a potência do texto literário, a roda como forma de integração e construção de saberes diversos, e a luta pela da memória como forma de resistência.

Assim, a itinerância ao Museu Nacional casou muito bem com o módulo “memória a ser construída”. Desde o dia 2 de setembro de 2018, o Museu Nacional se viu em uma situação de reconstrução, renascimento. De igual maneira, o projeto “Fragata: itinerâncias literárias” trabalhou no primeiro semestre de 2019 a importância da memória na construção do ser social. Assim, levar os estudantes para serem agentes de construção da memória do Museu foi importantíssimo para concretizar a culminância das nossas rodas literárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, com a experiência da visita ao Museu Nacional, para além da leitura e do contato com o texto literário em si, a experiência ali vivida é algo que nos é muito caro. Mais do que isso, a junção de texto literário, experiência e vida é algo que nos move enquanto professores e pesquisadores. As rodas literárias do projeto “Fragata: itinerâncias literárias” buscam implementar uma leitura a partir de uma abordagem criativa e não controladora, que incentiva a formação de leitores literários críticos e autônomos (FREIRE, 1996).

Acreditamos que o ato da leitura deve ir além daquela pragmática, feita em sala de aula, ou a solitária, realizada em casa. Na nossa visão, a leitura exige um envolvimento corporal, totalmente subjetivo. Uma leitura que é atravessada por um saber de experiência (LARROSA, 2002) que está além de um conhecimento acadêmico, canônico, é algo que nos toca, nos atravessa e que atinge o leitor por meio da leitura.

As itinerâncias fazem parte de um trabalho de ocupação poética dos espaços públicos, uma forma de resistência a um cotidiano ordenando, robótico, insensível, apressado, que torna a cidade um mero espaço de trabalho, uma máquina. Assim, o estudante torna-se um sujeito vivo na sociedade através da literatura.

Acreditamos na construção de um leitor crítico, autônomo e emancipado (FREIRE, 1996). Dessa forma, nossos planejamentos e rodas se dão horizontalmente, evitando qualquer tipo de hierarquização da leitura, aluno e professor são apenas fragatas prontas para conquistar os céus através de constantes, belos e itinerantes bailados literários. Assim, os alunos sentem-se livres para construir e expressa sua leitura pessoal do texto literário, de forma que este provoque uma reação no corpo daquele. A ideia de dodiscência, portanto, é muito cara ao projeto, posto que conduz toda a nossa prática:

“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1996, p.12)

Em um contexto político que censura, em que o professor é o inimigo público número 1 da sociedade, precisamos falar e aplicar Paulo Freire, temos que dar subsídios aos estudantes para que se tornem críticos, para que sejam livres e resistam.

REFERÊNCIAS

DIDION, Joan. **O ano do pensamento mágico** / Joan Didion; tradução de Paulo Andrade Lemos. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. cap.14, p.163-165.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HORTA, Maria Teresa; COSTA, Maria Velho da; BARRENO, Maria Isabel. **Novas Cartas Portuguesas** - Edição Anotada. D. QUIXOTE. Edição do Kindle.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, s/v., n. 19, pp. 20-28., jan.-abr. 2002.

MEIRELES, Cecília. **Escolha o seu sonho**. Rio de Janeiro: Record, 1964. p.87-89

ZARVOS, Clarisse; SMALL, Daniele Avila; BARCELO, Mariana. **Há mais futuro que passado: um documentário de ficção**. Belo Horizonte: Javali, 2018.